Rosângela Trajano

LINO

Filosofia para crianças

LINO

Filosofia para crianças

Rosângela Trajano

LINO

Filosofia para crianças

Lucgraf

Natal

2012

Apresentação

O programa LINO de filosofia para crianças iniciou em janeiro de 2001 na calçada da minha casa na Rua Nordeste, casa 7, Bairro Nordeste, Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, mas só foi realmente reconhecido há 03 (três) anos quando preparei seu material didático e venho atualizando no decorrer dos anos.

Iniciei o curso de filosofia no ano 2000 e em meados desse mesmo ano descobri a filosofia para crianças através das minhas leituras das obras do prof. Mattew Lipman. Desde 1999 escrevendo para crianças meu maior objetivo era dar aulas de filosofia para crianças já que fazia a licenciatura em filosofia, porém as portas de todas as escolas que procurei foram fechadas para mim por não ter o curso de Lipman no meu currículo.

Não desanimei. Voltei a ler cada vez mais as obras que tinham relação com o programa do prof. Lipman e já naquele ano, percebi que era um programa muito voltado para o pensar lógico esquecendo o imaginário infantil e o lúdico. Mesmo com as suas novelas para crianças continuava com a insistência de um pensar lógico de difícil compreensão. Conhecendo a educação pública do meu estado tive uma ideia da educação do restante do Brasil e observei que apesar de gostar muito da lógica nossos professores ainda não estão preparados para ensinar um conteúdo tão complexo quanto o de Lipman às nossas crianças. Em nenhum momento afirmo que não temos professores capazes para isso, não temos um programa eficiente que seja capaz de explicar uma coisa difícil para uma criança de dois anos de idade, respeitando seu pequeno mundo.

Tendo todas as portas das escolas fechadas para mim por não ter o curso do prof. Lipman decidi dar aulas de filosofia para crianças aos meninos da minha rua ensinando o pouco que conhecia da filosofia através da contação de histórias, a famosa “Historinha”.

Baseada no pensamento dos filósofos Platão e Montaigne sobre a educação das crianças, consegui elaborar um pequeno programa para ensinar filosofia às crianças fora da sala de aula, e ainda muito simples.

Surgiu então um projeto que precisava de um nome e decidi batizá-lo de Projeto Giges. Depois veio minha experiência como professora de filosofia no ensino fundamental II, na Escola Municipal Sérgio de Oliveira Aguiar,

no município de Extremoz, mais precisamente na localidade de Genipabu-RN e, por último, um ano de experiência do projeto Lanchinho Filosófico no ex-colégio CELM localizado em Parnamirim-RN.

Assim, criei o programa LINO de filosofia para crianças que apresento a vocês agora neste pequeno livro e que possa ser usado por professores do Brasil inteiro como um relato de experiência que deu certo e que vem colhendo muitos bons frutos.

Rosângela Trajano

Autora

SUMÁRIO

1. O Projeto Giges 06
1.1 Desafios 07
1.2. Dois filósofos: inspiração para a criação do Projeto Giges 08
1.2.1 Platão e as fábulas 09
1.2.2 Montaigne, os livros e a filosofia para crianças 12
2. A experiência na escola pública 15
2.1 O que ensinar 16
2.2 Como avaliar 17
2.3 Descobrindo pequenos filósofos 18
3. O Lanchinho Filosófico 19
3.1 As histórias contadas 19
3.2 As histórias escritas 20
3.3 O problema do imaginário 20
4. O programa LINO 21
4.1 A origem do nome LINO 22
4.2 O imaginário 22
4.3 A escrita, o desenho, a pintura 23
4.4 O pensar próprio 24
5. Como ensinar filosofia às crianças através do programa LINO 25
6. Como usar meu material didático 26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 41

1. O Projeto Giges

Os objetivos do Projeto Giges são despertar valores nas crianças que estão escondidos ou ajudá-las a descobrir alguns conceitos de palavras fundamentais à formação do pensamento deturpados pelos adultos. Despertar o interesse pelo saber através da descoberta desses valores para formar cidadãos críticos diante de uma sociedade competitiva. Como também propiciar às crianças pensar e tomar as decisões que acharem melhor para os seus problemas sem o acúmulo de pensamentos alheios.

O Projeto Giges respeita o viver de cada criança, ou seja, seu jeito de enxergar a vida, suas palavras e seus gestos. Não se trata de um projeto com o objetivo de formar cidadãos perfeitos, virtuosos, gênios etc. É um projeto que valoriza o ser-criança, seus problemas e dificuldades, seus vícios, suas mentiras e, principalmente, sua forma de enxergar o mundo. Se a criança é boazinha ou má isso não me importa. No decorrer da sua vida saberá tomar as decisões que melhor lhe convier através das experiências vivenciadas na infância quando ouviu histórias que retratavam os dois opostos: o bem e o mal.

Durante a semana escolho uma historinha, elaboro três perguntas que auxiliam na interpretação da historinha, fazemos um diálogo sobre esta que leva a outros diálogos, e por último, cada criança faz um desenho, uma pintura ou escreve sobre a historinha.

O projeto trabalha o pensamento dos mais diversos filósofos através da literatura infantil com o contar histórias.

Três histórias marcaram os encontros do Projeto Giges nesses onze anos de historinha: *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha, *O pequeno Príncipe*, de Saint Exupéry e os *Novos trajes do imperador*, de Andersen. A primeira história, porque trata do nome das coisas e as crianças sempre se lembram do personagem chamado de Marcelo que um dia quis mudar o nome de tudo. Sempre que aparece um nome novo nos encontros as crianças dizem que aquele nome não combina com a coisa e querem mudar o nome. A segunda história, porque fala da amizade, e as crianças sentem a necessidade de terem seus amigos por perto como também temem perder o amor deles. A terceira história, porque fala da ignorância e do conhecimento, ou seja, as crianças descobriram que falar a verdade e ser sábio é importante à vida.

As crianças que desejarem são submetidas no dia trinta e um de dezembro de cada ano à realização de uma avaliação que mostra como vai a assimilação das histórias contadas e os conceitos discutidos.

1.1. Desafios

Os conceitos da filosofia e pensamentos dos seus mais diversos filósofos, ou seja, de Platão a Wittgenstein são introduzidos aos poucos no Projeto Giges.

O primeiro conceito introduzido foi o de sabedoria. As crianças não sabem que estudam filosofia nas historinhas. Para elas, a historinha é um momento de lazer. O segundo conceito foi a palavra "espanto". Há uma curiosidade interessante quanto a essa palavra. No dia em que foi colocado o cartaz informando o nome da historinha, uma das meninas do projeto, muito meiga e carinhosa, disse que não vinha nesse dia porque a historinha seria de terror. Conversei com ela e perguntei por que achava aquilo, me disse que a palavra "espanto" lhe causava medo. As crianças associam espanto a susto, medo, terror. É muito difícil modificar alguns conceitos que elas têm de determinadas palavras. Foi o que ocorreu com a palavra "espanto". Por mais que eu procurasse dizer que espanto também pode ser surpresa boa, muitas insistiam no conceito de medo, então troquei espanto por admiração e assim todos concordaram.

Depois do conceito de espanto foi a vez da palavra curiosidade. No início, o conceito de curiosidade foi confundido com fofoca. Após contada a história "A curiosidade premiada", dialogamos sobre a diferença entre ser curioso e fofoqueiro. Pedi que elas desenhassem uma pessoa curiosa. Os desenhos ficaram belíssimos! Cada uma demonstrando a curiosidade da forma que compreende hoje.

Em seguida, foi a vez da palavra investigação. As crianças pensaram que se tratava de investigar um crime ou coisa parecida. Mas a historinha mostrou para elas um outro conceito da palavra. Nos desenhos, demonstraram ter aprendido o conceito da palavra investigação desenhando pessoas na busca do conhecimento através de leituras.

Quanto à curiosidade das crianças é difícil explicar por que elas não perguntam e quando fazem perguntas não são de espanto ou admiração, mas de dúvidas e medos encontrados nos problemas dos adultos. Não conseguem expressar espanto ou admiração diante da natureza, não costumam descobrir o próprio corpo, nem investigar seus sentimentos. Simplesmente vão guardando o que lhes dizem. São cheias de conceitos das mais diferentes formas. Encontrei em Korczak algumas palavras que podem reforçar meu argumento: "Ela tem medo de perguntar. Sente-se pequena, sozinha, desamparada diante de tantos mistérios que não compreende."[1] Esses mistérios podem ser os problemas dos adultos compartilhados com as crianças.

---

[1] KORCZAK, Janusg. *Como amar uma criança.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 138.

E assim o projeto vai introduzindo entre uma história e outra os conceitos da filosofia. Vale ressaltar que as histórias passam por um processo de seleção antes da contação. Antes se contava qualquer história às crianças como diz a tradição, mas hoje a história contada pode instruir e divertir como pode também transmitir um conhecimento falso, dependendo de quem conta e como conta a história.

Observei que as crianças não acreditam em tudo o que lhe dizem, mas também não têm coragem de dizer: você está mentindo. Muitas vezes criei histórias absurdas e sei que elas perceberam meu erro, mas tiveram vergonha de falar. A criança se cala depois de ter a sua pergunta tachada como tola diante dos amigos. Ela acha que todos vão rir dela. Prefere ficar em silêncio, porque sabe que qualquer dia desses um adulto lhe dará a resposta pronta.

É preciso fazer essas crianças gostarem de ler. O hábito da leitura tornará seus sonhos maiores. Trará conhecimento, pensamento crítico e investigativo, poder de argumentação lógico, levantará dúvidas, recuperará a beleza do imaginário e, consequentemente, reduzirá as intrigas entre meninos e meninas.

1.2. Dois filósofos: inspiração para a criação do Projeto Giges

O Projeto Giges se baseou nas ideias de dois filósofos: Platão e Montaigne. Platão porque no seu livro *A República* trata da educação das crianças e o cuidado que se deve ter com as histórias contadas a elas e com quem as conta.

Não basta contar histórias, é preciso saber instruir através das mesmas. A filosofia abre caminhos aos valores, às virtudes, ao pensamento crítico e investigador. A filosofia ajuda a criança buscar a sabedoria através da dúvida. Assim sendo, o Projeto Giges começou com a contação de historinhas sempre com o livro por perto para incentivar o hábito da leitura nas crianças. Algumas vezes lendo o livro, noutras contando as histórias, e ainda há aquelas vezes em que a história é inventada na hora.

Quanto ao filósofo Montaigne, a sua escolha para a fundamentação teórica do projeto deu-se por dois motivos importantíssimos: seu gosto pelos livros e seu cuidado com a instrução das crianças. Vale salientar que os livros eram como passatempos para o filósofo, que só se apegava a uma leitura inteira quando esta desvendava as linhas da sua existência, ou seja, do seu ser, fazendo-o refletir sobre o conhecimento de si mesmo. Montaigne foi muito exigente com as suas leituras, se entusiasmou com os autores antigos e nunca quis ter nada decorado. Além do mais usava as citações com um cuidado especial, pois muitas vezes, diz ele, que o autor para embelezar o seu texto faz uso demasiado de citações e acaba criando um texto com mais ideias alheias do que suas. Montaigne ensina a ler e a

escrever falando dos autores como uma criança que mistifica o autor e pensa ser ele um deus.

Também Montaigne pede uma instrução virtuosa às crianças. Da mesma forma que Platão pede para se ter cuidado com quem vai contar histórias às crianças, assim pede Montaigne que se tenha cuidado com o preceptor que vai cuidar das suas instruções.

Algumas histórias foram criadas baseadas nos ensaios de Montaigne para o Projeto Giges. Cada ensaio baseado tem um pouco do lúdico, da instrução e da curiosidade. As crianças gostam dessas historinhas. Geralmente, procuro colocar um personagem parecido com elas. Os ensaios falam de diversos assuntos do nosso cotidiano, tais como: coragem, idade, sono, nomes etc. Coisas a que quase não damos importância, e que as crianças esquecem de perceber no dia-a-dia, no entanto o personagem de uma dessas histórias pode fazê-las questionar sobre a vida e as pessoas criando uma nova visão à realidade.

O Projeto Giges segue as ideias desses dois filósofos: contando histórias e ajudando-as a filosofar. Não é preciso que as crianças saibam que estão filosofando, é preciso que elas aprendam o que é necessário à formação de um bem pensar, tais como a assimilação correta dos conceitos das palavras, o conhecimento dos valores e das virtudes. Ninguém ensina filosofia. Mas todas as pessoas podem ensinar a filosofar. Algumas de forma mais acadêmica, porque estudaram para isso. Outras, com um pouco mais de dificuldade, sendo auxiliadas pelos diversos livros que têm surgido, informando como se preparam as crianças à filosofia.

1.2.1 Platão e as fábulas

Platão, no seu diálogo *A República*, se reporta às fábulas e aos contadores de histórias na instrução das crianças. Vale salientar que as fábulas referidas por Platão no século IV a.C. são hoje os diversos tipos de narrativas que contamos às crianças. A maior parte das crianças que escuta histórias considera esse momento como uma distração, uma liberdade para o seu pensamento, um passatempo divertido, uma brincadeira em que o riso se torna alegria. Sócrates explica o que devemos fazer com as fábulas em relação às crianças: “Pois bem; à moda dos que narram fábulas, façamos com palavras, como por passatempo, a educação dos nossos guerreiros.”[2]

É desse passatempo que as crianças precisam para, na liberdade do brincar, poderem se instruir sem perceber que estão sendo instruídas, pois a instrução deve ser também de histórias encantadoras que as façam ampliar o mundo imaginário e despertem o faz-de-conta com maior intensidade. As

[2] PLATÃO. *A República*. São Paulo: Hemus, 1970. p.55.

histórias contadas devem educar o pensamento da criança para a dúvida, a reflexão, a crítica e o poder de argumentação.

Esses guerreiros referidos por Sócrates são crianças que serão preparadas para guardar a *pólis* imaginada por Platão. Uma *pólis* onde o governo deve ser um sábio, filósofo, por isso esse cuidado especial com a instrução das crianças. Numa delas estaria a sabedoria necessária para governar uma cidade na idade adulta.

Indagado por Adimanto sobre qual será a educação que melhor será recebida por essas crianças, Sócrates responde:

> Será possível encontrar melhor que a que, de longa data, se acha em uso em nosso ambiente e que consiste em formar o corpo pela ginástica e a alma pela música.[3]

Platão valoriza a ginástica também. Mas é a música aquela que primeiramente deve ser ensinada às crianças, pois a alma deve, primeiro do que o corpo, receber cuidados. Em Platão entende-se por música o conjunto de todas as ciências e artes que plasmam o espírito: o canto, a dança, a poesia, a eloquência, a filosofia. Nesse conceito de música entram as histórias que podem ser poetizadas ou musicadas. As histórias infantis conseguem aliviar alguns sofrimentos das crianças, tornando-as fortes e corajosas o suficiente para lidar com os problemas do seu pequeno mundo, quando caem nas mãos de contadores de histórias maravilhosos, ou seja, aqueles que sabem contar histórias com amor.

Sócrates também discute sobre os discursos que são partes integrantes da música e distingue-os por dois tipos: verdadeiros e falsos. Tanto um quanto o outro podem contribuir para a educação, a começar pelos falsos, segundo ele. Os discursos falsos podem ser as fábulas ou algumas histórias que fazem parte do mundo do faz-de-conta e não trata da realidade. No entanto, essa falsidade deve ser cuidadosa, pois pode ensinar algo falso, também. O que traria males às crianças. O conteúdo das histórias falsas não deve mentir, como dizer que Deus pode castigar alguém, porém pode dizer que uma cigarra conhece os fenômenos da natureza. As fábulas de Esopo são um exemplo desses discursos falsos como nos explica Sócrates:

> Pois então não entendes que nossas primeiras falas às crianças não passam de fábulas? São falsas em geral repletas de mentira mas também encerram verdades. Com elas distraímos as crianças antes de conduzi-las ao ginásio.[4]

---

[3] PLATÃO. *A República*. Op. cit., p. 55.
[4] PLATÃO. *A República*. Op. cit. Id., ibid., p.56.

A distração é o momento em que as crianças se sentem mais livres e permitem à alma um passeio pelo mundo do faz-de-conta ao ouvir uma história contada por um adulto. Uma paradinha para ouvir uma história, brincar, imaginar, desenhar, pintar, ler escrever e dormir pensando na princesa ou no príncipe da historinha. Essas fábulas que trazem bichos falantes e que penetram na alma da criança como um carinho à sua ingenuidade ajudando-a a povoar seu mundo imaginário.

Para Sócrates é na juventude que se amolda e se plasma o caráter, mas há de se ter cuidado com quem está a instruir o jovem. Pois as primeiras impressões permanecem na alma até a morte. Por isso é preciso saber quais as fábulas que devem ser contadas e quem vai contá-las. Seria uma espécie de seleção das fábulas ou historinhas em se tratando dos dias atuais e um cuidado com aquele que diz ser contador de histórias. Contar histórias tornou-se uma profissão que usa a arte e a dialética como instrumentos. Sócrates, preocupado com esse tema, diz:

> Importa-nos, pois, segundo eu penso, velar sobre os que elaboram fábulas, separando as boas das más, para rejeitar estas e acolher aquelas. Ordenaremos às mães e às amas que narrem às crianças fábulas escolhidas e que empreguem mais zelo em lhes formar a alma que em formar o corpo. Neste afã cumpre condenar a mor parte das fábulas que hoje em dia lhes são contadas.[5]

Trazendo as ideias de Platão para os dias atuais, podemos definir esse cuidado com as lendas que são cheias de falsidades além de criar na alma das crianças um trauma por coisas inexistentes. Cabe ao contador de histórias diminuir o ritmo da voz e cuidar dos gestos ao contar uma lenda. É preciso mostrar os personagens sem despertar o pânico, criando o medo passageiro, quando a lenda acabe, o medo perdure por pouco tempo e não fique plasmado na alma da criança. É esse cuidado com a mentira que Platão sugere aos responsáveis pelas crianças para se vigiar os contadores de histórias, pois eles têm o poder da dialética e da persuasão podendo formar jovens medrosos e molengas ao invés de jovens virtuosos e corajosos. Sobre a mentira Platão recomenda:

> A verdadeira mentira é, portanto, com todo o rigor e justeza da expressão, a ignorância que afeta a alma daquele que foi enganado. Porque a mentira nas palavras não é senão uma imitação dos sentimentos que a alma experimenta, um fantasma que se produz mais tarde [...] Assim, a verdadeira mentira é igualmente abominada dos deuses e dos homens.[6]

---

[5] PLATÃO. *A República*. Op. cit. Id., ibid., p.56.
[6] Op. cit. Id., ibid., p.61.

A mentira na minha concepção está no contador de histórias e não nas histórias. As histórias são falsas porque vivem no mundo do faz-de-conta. Mentir para uma criança não é certo; quando conto uma história, não minto, e sim faço uso da oralidade para expressar a sabedoria popular ou as histórias clássicas de forma que eu seja uma ponte entre uma coisa e outra. É preciso saber ficar longe da mentira, cuidando de contar apenas o necessário.

1.2.2 Montaigne, os livros e a filosofia para crianças

Assim como toda criança parece ser Montaigne nas suas leituras quando diz "se um livro me entendia, pego outro"[7] É assim que fazem as crianças com os livros que lhes dão. Se não gostam deixam de lado e procuram outro. Tem livro que prende o leitor e o faz voltar muitas vezes ao mesmo trecho. É o que fazem as crianças quando estes têm passagens parecidas com as das suas vidas. Também há livros que não dizem nada e se tornam chatos e cansativos. As crianças leem e refletem: parece comigo! Sim, as histórias estão cada vez mais parecidas com a realidade das crianças, o que aproxima escritor de leitor.

O importante no gosto pela leitura não é o simples fato de ler, mas de retomar a história e reler tantas vezes sentir prazer.

Montaigne foi um bom leitor. Era criterioso na seleção das suas leituras. Dizia ser seu autor predileto Plutarco. E se deliciava com Terêncio quando nos diz:

> Quanto ao bom Terêncio, em quem deparo com todas as elegâncias e as graças da língua latina, julgo-o admirável quando trata dos ensinamentos e descreve com vivacidade os nossos costumes. A todo instante eu o recordo e por mais que o leia sempre descubro nele alguma coisa nova.[8]

É essa releitura que deve ser feita pelas crianças. Elas gostam de ouvir a mesma história uma, duas, três, quatro e tantas vezes sejam necessárias para o despertar de alguma coisa que causou a sua curiosidade ou a sua alegria. A releitura é uma forma de não abandonar o personagem, o medo da criança de perder para sempre aquele herói tão parecido com ela. É a vontade de querer saber mais do personagem, se de repente alguma palavra passou despercebida. As histórias devem ser contadas mais de uma vez assim como também devem ser lidas. A repetição só ajuda a assimilar as coisas com mais intensidade.

Alguns autores se lançam tão perfeitamente nos seus escritos que despertam o desejo do querer ler mais das crianças. Os clássicos da literatura infantil são lidos e relidos porque constroem um faz-de-conta que

---

[7] MONTAIGNE, Michel de. Dos livros. In: *Ensaios.* Porto Alegre: Globo, 1972. p. 197.
[8] Id., ibid., p. 197.

tem se perdido nas histórias mais recentes. As crianças gostam de fadas e bruxas. Enredos que se misturam e juntos formam as histórias dos sonhos das crianças. É essa perfeição dos autores clássicos que encantou Montaigne nas suas leituras das obras de Terêncio, conforme nos conta:

> O contrário ocorre com Terêncio: a perfeição e a beleza de seu estilo nos induzem a esquecer o tema; sua delicadeza e sua graça cativam-nos em todas as cenas; é um autor tão agradável...[9]

Quanto aos livros Montaigne encerra dizendo que tem curiosidade pelos autores, gostaria de saber dos seus costumes e vidas. Conhecendo o autor, pode se deduzir de onde ele tirou tal ideia para construir uma história que tanto agradou.

Mas Montaigne não vê instrução nos livros; ao contrário, neles vê passatempo. Sobre a instrução das crianças fala da aprendizagem de cor, discordando e negando:

> Saber de cor não é saber; é conservar o que se entregou à memória para guardar. Do que sabemos efetivamente, dispomos sem olhar para o modelo, sem voltar os olhos para o livro. Triste ciência a puramente livresca.[10]

Quando se refere à ciência livresca, está Montaigne falando desses livros que são dados às crianças para decorar a gramática, a ciência, a história. Para ele, o saber de cor não é saber. Devemos aprender nos livros a viver e não consultá-los para tomar decisões. Os tempos vão passando e a nossa alma vai se formando a partir das nossas leituras. No entanto, se a leitura não for só a livresca, mas aquela que canta, dança, brinca, faz sorrir e dormir, esta sim será para sempre lembrada e não decorada.

A criança bem instruída será aquela que sabe ouvir, aceitar seus erros e corrigi-los, ser virtuosa e consciente das suas ações, conforme diz Montaigne: “Que a consciência e a virtude brilhem em suas palavras e que só a razão tenha por guia.”[11]

Sobre a curiosidade Montaigne diz ser essencial à criança. É a curiosidade que leva ao pensamento crítico e explorador, pois ele assim confirma: “Que lhe incutam no espírito uma honesta curiosidade por todas as coisas que registre tudo o que haja de singular à sua volta...”[12]

Quanto ao ensino da criança ele recomenda a leitura e diz ser ela junto com a conversa elementos para uma boa educação:

---

[9] MONTAIGNE, Michel de. Dos livros. In: *Ensaios.* Op. cit., p. 198.
[10] Idem. Da educação das crianças. Op. cit. p. 82.
[11] MONTAIGNE, Michel de. Dos livros. In: *Ensaios.* Op. cit., p. 83.
[12] Id., ibid., p. 84.

> O ensino deverá ser ministrado ora por conversas, ora por leituras; ora o preceptor lhe apresentará o próprio texto do autor mais adequado ao fim da educação, ora lhe fornecerá somente o miolo, a substância.[13]

O ensino a que se refere Montaigne não está só nas salas de aulas. Ele pode se encontrar em qualquer local onde um adulto e uma criança tenham um livro nas mãos. A leitura do livro, a conversa sobre o mesmo, depois a extração daquilo que ficou nas entrelinhas é a porta que a criança necessita abrir para acompanhar o raciocínio do autor.

Este discurso sobre a educação das crianças de Montaigne é para chegar a um tema importante: o ensino da filosofia aos pequeninos. Muita gente acredita que a filosofia é para adultos. Seus conceitos, textos, pensamentos, a linguagem dos filósofos não estão acessíveis a pouca idade das crianças. Ao contrário do que muita gente pensa, as crianças aprendem aquilo que lhes ensinam. Se você conta uma historinha e começa a indagar junto com a criança levantando porquês, como, onde, estará filosofando junto com ela. A filosofia é o ato de buscar a sabedoria através do espanto e da admiração. Montaigne não se contenta que a filosofia fique só entre os adultos. Ele quer que ela chegue às crianças conforme as suas mais belas palavras:

> É estranho que em nosso tempo a filosofia não seja, até para gente inteligente, mais do que um nome vão e fantástico, sem utilidade nem valor, na teoria como na prática. Creio que isso se deve aos raciocínios capciosos e embrulhados com que lhe atopetaram o caminho. Faz-se muito mal em a pintar como inacessível aos jovens, e em lhe emprestar uma fisionomia severa, carrancuda e temível. Quem lhe pôs tal máscara falsa, lívida, hedionda? Pois não há nada mais alegre, mais vivo e diria quase mais divertido. Tem ar de festa e folguedo. Não habita onde haja caras tristes e enrugadas.[14]

Se a filosofia não gosta de caras tristes nem carrancudas, então ela nasceu para aqueles que guardam a infância no âmago da alma e para as crianças. São elas que desde cedo perguntam, querem saber de tudo, falam o que viram, buscam embaixo da cama o sapato escondido, querem saber por onde a galinha põe o ovo, como correm as estrelas no céu. São elas as filósofas por natureza. Elas que são alegres e verdadeiras. Não permitamos que façam das nossas crianças depósitos de conhecimentos, senão elas terão que conseguir muitas caixas para acolher tanto conhecimento alheio. Atentemos para os pensamentos das crianças que têm moradia entre o mundo imaginário e real vão se transformando em saberes para um viver melhor. Sigamos o que nos diz Montaigne: “Posto que a filosofia é a

---

[13] MONTAIGNE, Michel de. Dos livros. In: *Ensaios.* Op. cit.p. 85.
[14] MONTAIGNE, Michel de. Da educação das crianças. Op. cit. p. 86.

ciência que nos ensina a viver e que a infância como as outras idades dela podem tirar ensinamentos, por que motivo não lha comunicaremos?”[15]

Não comunicamos a filosofia às crianças porque não sabemos como fazer, dizem alguns. Mas não há receita pronta para ensinar filosofia, mesmo porque não se ensina filosofia, mas a filosofar, conforme nos ensinou Kant. Sendo assim, filosofar é despertar para o bom senso, a sabedoria, a opinião própria, o olhar duvidoso, o sorriso admirado, as mãos exploradoras. A filosofia deve e necessita ser ensinada desde a tenra idade quando começamos a contar historinhas. Contando, estamos ensinando as virtudes e formando um senso crítico no pensamento infantil, de acordo com o caráter dos heróis das histórias a criancinha vai formando o seu e fazendo escolhas.

2. A experiência na escola pública

No ano de 2005 fui convidada para ministrar aulas de filosofia para crianças no ensino fundamental II, no município de Extremoz, localidade de Genipabu-RN, na Escola Municipal Sérgio de Oliveira Aguiar.

Recebi seis turmas num total de 127 (cento e vinte e sete alunos) na faixa etária entre 10 (dez) e 19 (dezenove) anos de idade. Alguns alunos estavam fora da faixa etária para o ano que cursavam, mas isso depois não passou a ser um problema e sim mais uma boa opção para trazer às aulas novas histórias de alunos maiores contando suas experiências para alunos menores. Foi bem legal essa experiência.

Também dei aulas na Escola Municipal Pedro Fernandes, na estrada de Genipabu, lá eu só tinha uma turma. Porém, devo confessar que foi com aqueles alunos que aprendi a como dar aulas de filosofia para crianças, porque eles gostavam muito das minhas aulas. Conversávamos sobre tudo, eles iniciavam a aula e eu dava continuidade.

Havia muitas dúvidas em mim, tendo saído da faculdade com um curso de licenciatura, mas sem formação adequada para ensinar crianças. Li muitos livros de pedagogia, psicopedagogia, psicologia etc. Busquei alcançar o máximo de conhecimento sobre crianças para saber como lidar com um público que só conhecia através dos meus projetos voluntários aonde não existiam normas e horários fixos para iniciar e terminar a aula.

Eu precisaria elaborar aulas, preencher cadernetas, cumprir horários, tirar dúvidas dos alunos, explicar, enfim ser uma professora. Confesso que houve um momento que a ansiedade e o medo bateram em mim, mas quando entrei pela primeira vez naquela sala de aula do sexto ano e vi aqueles rostinhos belos sorrindo para mim e um deles me perguntou: “a senhora é a professora de filosofia?” simplesmente me veio ao pensamento que eles eram iguais as minhas crianças apenas estavam em um prédio

[15] [15] MONTAIGNE, Michel de. Da educação das crianças. Op. cit. p. 87.

fechado e que eu era uma profissional e não mais uma voluntária contadora de histórias que buscava transmitir os conhecimentos da filosofia sem preocupação com avaliações e trabalhos.

Era a minha primeira experiência em sala de aula. Com o sexto ano foi mais fácil porque eu contava histórias para eles e conversávamos sobre o que eles tinham achado usando o mesmo programa já introduzido no Projeto Giges sendo que agora eu exigia um pouco mais do imaginário fazendo com que meus alunos escrevessem as suas próprias histórias para que pudéssemos trabalhar cada uma delas em sala de aula. Nos demais anos a experiência não foi muito diferente, como vocês verão logo mais.

Esta foi a minha experiência verdadeira em sala de aula depois me afastei para dedicar-me a outras atividades, mas até hoje visito escolas e dou cursos como vocês poderão saber através da minha agenda de atividades.

2.1 O que ensinar

Sendo assim comecei a dar temas para que eles escolhessem sobre o que escreveriam. A escrita fazia-se necessária por duas vertentes: a da que no ato da escrita o imaginário floresce desenvolvendo o pensar criativo e aqueles alunos precisavam aprender a escrever, pois não sabiam criar textos.

Quanto a escrita para desenvolver o pensamento crítico me baseei nos estudos da professora Elvira Souza Lima em uma de suas entrevistas

> Os estudos mostram que no cérebro humano não há um centro para leitura e para a escrita como há para a oralidade. Ler e escrever são práticas culturais, dependem de ensino e de prática constante. Cada uma dessas atividades requer a mobilização de várias áreas do cérebro.[16]

Então, para que meus alunos criassem essas práticas culturais, conforme diz a professora Elvira passei a adotar o hábito de pedir-lhes a criação de historinhas que foi um sucesso na escola.

No entanto, eu ainda tinha o sétimo, oitavo e nono anos para dar aulas e não sabia nem por onde começar. Para mim foi muito difícil, sozinha, descobrir o que ensinar àquelas crianças e jovens. Depois de muito pensar e refletir chegaram meus primeiros dias de aula com as turmas desses anos e quando menos esperei estava trazendo para sala de aula o dia-a-dia dos meus alunos junto com a filosofia. Foi quando me lembrei de Paulo Freire no seu livro “A pedagogia da autonomia”

---

[16] LIMA, Souza Elvira. Cérebro humano e educação hoje. In: entrevista concedida a Rafaela Freitas e Rosângela Guerra, *Presença Pedagógica*, v. 16, nº 94, jul/ago 2010.

> Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.[17]

Assim, comecei a dar minhas aulas com base no que os alunos contavam sobre o que acontecia com eles fora da escola, conversávamos mais do que escrevíamos ou líamos. Estávamos sempre no presente, passado e futuro quando eles se lembravam de algum acontecimento, contavam um sonho ou diziam como estavam se sentindo. Nesses anos a minha base de estudos em Michel Foucault foi essencial, principalmente, a obra "A hermenêutica do sujeito".

Não havia currículo definido porque penso que no ensino da filosofia para crianças não se pode definir o que vai ser ensinado, mas obedecer a necessidade do aluno para que este possa sentir o prazer do encontro com a sabedoria. O currículo ou programa pode, sim, ser um auxiliar a mais para o professor, mas nunca o seu único instrumento de trabalho.

Lembro-me como se fosse hoje que criei um curso sobre lógica argumentativa para os alunos dos oitavos e nono anos e foi uma novidade amplamente aceita entre a classe estudantil, porque como já falei era tudo novo e o novo nos convida a experimentá-lo. No início, os alunos acharam difíceis, mas depois foram se acostumando com as palavras "proposições", "sentenças", "tautologia", "silogismo" etc. Vale ressaltar que os exercícios também foram pensados no cotidiano deles. Mas para essas aulas eu precisava escolher um assunto dos alunos e prepará-las em casa, assim fomos construindo o nosso currículo de filosofia do ensino fundamental II que todos os anos era modificado a partir das novas vivências dos alunos.

2.2 Como avaliar

Nunca fiz avaliações por escrito com os meus alunos. Na verdade eu avaliava mais o meu jeito de dar aulas e a forma como eles recebiam esse meu ensino-aprendizagem. Sinceramente para eu avaliar um aluno na disciplina de filosofia para crianças não era fácil e deve ser algo muito difícil para qualquer professor, pois eu senti isso quando fui professora.

---

[17] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

Recordo-me como se fosse hoje que os ensinamentos dos meus alunos para mim foi muito maior do que os meus para eles, logo eu não tinha outra forma de avaliá-los senão através de uma avaliação contínua ao longo do bimestre e mesmo aqueles que não participavam de nada, que não queriam nada com nada também recebiam suas notas, e as notas eram todas 10 (dez), sempre. Por que eu dava dez para todos os meus alunos inclusive os chamados "bagunceiros"? Porque justamente com os "bagunceiros" eu aprendia como um professor de filosofia deve respeitar o outro através dos seus gostos e prazeres. Na minha sala de aula ninguém era obrigado a fazer nada, tudo era combinado entre a gente, cada um fazia o que gostava. Os "bagunceiros" que não queriam fazer nada eu pedia para que ficassem sentados e quietos, apenas, apesar disso muitas vezes não funcionar e, infelizmente, ter que chamar o coordenador para colocar ordem na turma.

2.3 Descobrindo pequenos filósofos

Meus alunos costumavam trazer histórias as mais diversas para me contar desde passarinhos que pegavam até brigas de casais vizinhos as suas casas. Eu os deixava falar e com isso eles acabavam criando suas próprias perguntas e algumas ficavam com respostas outras não.

Fui descobrindo os pequenos filósofos daquela escola e, por incrível que pareçam, eles se encontravam mais no sexto ano, eram os mais jovens que ainda tinham o imaginário cheio de encantamento e acreditavam em fadas, príncipes e dragões.

As nossas aulas tinham duração de 50 (cinquenta) minutos e os nossos diálogos costumavam durar 30 (trinta) minutos para depois começarmos uma tarefa que dizia respeito ao assunto discutido. Aqueles alunos que tinham problemas de produzir textos começaram a contar suas histórias primeiro oralmente e depois por escrito.

Citarei alguns exemplos de pequenos filósofos que acabei descobrindo nas minhas salas de aula que valem a pena conferir. Para meu espanto, na correção das atividades escritas me surpreendi ao pegar o texto do aluno Yuri, conhecido por prejudicar as aulas dos demais professores com brincadeiras e sem estímulo para aprender, ele desenhou um passarinho dando algo (como não dava pra identificar direito o que estava desenhado ele puxou um traço e escreveu logo acima "pão") para uma menina, e um balão que saía da boca da menina dizendo: me dê uma esmolinha pelo amor de Deus. Deduzi que o passarinho de Yuri estava praticando a caridade.

Creio que foi coincidência ou talvez o carinho pelo mesmo tipo de animal que Eduardo desenhou um passarinho e pintou ele todo de azul dizendo a famosa frase do filósofo Sócrates que eu vivia a repetir-lhes: só sei que nada sei. O passarinho estava sendo humilde na visão de Eduardo.

Mas tinha Bárbara e ela sempre era diferente de todos os outros alunos no seu jeito de compreender as coisas. Creio que ela é uma eterna curiosa e admiradora da natureza. Seu desenho foi sobre um passarinho tomando banho de chuva e um balão que dizia: não tenho medo de chuva! Para Bárbara aquele passarinho era corajoso.

Além de Eduardo e Yuri eu tinha Erivelton. Esse último gostava muito de surfar, era um menino do mar, um menino que não se sentia bem preso entre quadro paredes olhando para um quadro-negro. Tinha lá fora um mundo azul à sua espera, a sua prancha, trazia para sala de aula tão somente o seu sonho de se tornar um grande surfista. E foi Erivelton quem desenhou um passarinho lindo com a sua arte de desenhar voando sobre o mar. Ele não tinha conseguido vincular as virtudes aos animais, mas expressou o seu sentimento de liberdade, de vontade, de sonhos, de encanto e magia e isso era o mais importante para mim, porque eu sabia que Erivelton era um menino virtuoso. Foi ele quem me ensinou a desenhar; foi ele quem me ensinou a compreender os alunos "bagunceiros"; foi ele quem me ensinou a ser paciente e ter um amor muito maior pelos alunos de baixas notas e que viviam na diretoria por indisciplina.

3. O Lanchinho Filosófico

Em março de 2010 iniciei um curso de filosofia para crianças nas turmas de terceiro, quarto e quinto anos do Centro Educacional Libânia Medeiros – CELM, localizado em Nova Parnamirim, Rio Grande do Norte, sob a supervisão da coordenadora Suzana Cavalcante, quem me deu apoio em tudo o que precisei.

O lanchinho filosófico foi constituído de encontros quinzenais com as crianças das turmas selecionadas e o nosso objetivo era descobrir como estava o pensar criativo dos alunos.

Quando os alunos souberam que teriam aulas de filosofia foi uma festa na escola, mesmo sem saber o que significava filosofia alguém disse para eles que era algo que envolvia historinhas e aquilo foi o motivo da alegria. Sim, começamos por historinhas minhas e de outros autores selecionadas rigorosamente para aquele trabalho.

O lanchinho filosófico durou apenas um ano, mas valeu a pena tanto para aquelas crianças quanto para mim, pois foi ali onde descobri que meu programa de ensino de filosofia para crianças devia abordar o imaginário, as imagens como um todo.

3.1 As histórias contadas

A primeira história contada foi "Raul da ferrugem azul" de Ana Maria Machado para todos os anos. Depois tivemos um pequeno diálogo e

as crianças responderam a três questões simples sendo que uma delas pedia para que elas escrevessem sobre suas ferrugens. Algumas simplesmente não escreveram e outras disseram que não sabiam escrever. As que se esforçaram não apresentaram um pensar imaginativo; outra história contada foi "A moça tecelã" de Marina Colasanti e a mesma coisa aconteceu; depois contei "Marcelo, marmelo, martelo" de Ruth Rocha, sem sucesso nas escritas e exercícios que exigiam um pouco mais do imaginário; veio a história de minha autoria "Giges e o anel" também não obtive muito sucesso e assim foram seguindo as histórias.

No final do curso tinha contado as seguintes histórias: Raul da ferrugem azul; A moça tecelã; Marcelo, marmelo martelo; Giges e o anel; O menino que emprestou um sonho; Adivinha quanto eu te amo; O menino do dedo verde; O pequeno príncipe (dividido em 10 capítulos); Dom Quixote para crianças (dividido em 10 capítulos); O menino que carregava água na peneira (poesia de Manoel de Barros adaptada para prosa) e fechamos o curso com a belíssima história de "Pinóquio".

3.2 As histórias escritas

Como já mencionei acima, as histórias que os alunos escreviam e que podiam ser pequeníssimas não tinham desenvolvimento ou conclusão lógica. Iniciavam de uma forma confusa, procuravam desenvolver, mas não sabiam como e terminavam sempre com duas ou três palavras escritas no final a palavra "fim".

Os alunos gostavam tão somente de ouvir as histórias e nada de tarefas. Para eles aquele curso de filosofia era um momento de descontração, alegria, brincadeira, nada de tarefas. Quando vi que a situação estava ficando daquele jeito saímos da sala de leitura onde começamos as nossas aulas e fomos para sala de aula, mas continuou tudo do mesmo jeito. No momento da contação de histórias os alunos ficavam em silêncio total, mas quando vinham as atividades eles se aborreciam.

Alguns procuravam fazer e até se aproximavam de mim para tirar suas dúvidas, mas o imaginário estava adormecido, eles não conseguiam descrever poeticamente a imagem de uma flor que havia colada numa das salas de aula.

3.3 O problema do imaginário

Eu tinha um problema no lanchinho filosófico: o imaginário adormecido. Era preciso acordá-lo e dar-lhe tarefas urgentemente. Mas como fazer aquilo se os alunos não cooperavam?

Como eu ia de quinze em quinze dias ao colégio ficava difícil fazer um trabalho mais sério em cima desse problema.

O imaginário precisava ser resgatado para que as crianças conseguissem ter um pensar criativo, consequentemente lógico e argumentativo.

Cheguei ao final do ano sem conseguir despertar o imaginário dos meus alunos, aquilo para mim foi triste e preocupante, mas para recuperar a alegria da garotada inventei uma fadinha chamada de Carmelinda que escreveu uma cartinha para cada um deles. De um jeito ou de outro eles tinham o imaginário em mãos.

4. O programa LINO

Depois de estudar o programa de Lipman e perceber que não se adaptava totalmente as crianças do meu estado, consequentemente as crianças de outros estados também, criei o meu programa de ensino de filosofia para crianças: LINO.

Algumas pessoas me perguntam como tenho certeza de que o programa de Lipman não é bom, não digo que ele não é bom, digo apenas que não é aplicável a nossa educação em virtude de se tratar de um curso fechado e de difícil acesso e aprendizagem para os professores, conforme resenha retirada da Internet

> Lipman baseia-se na possibilidade de que as crianças possam recriar determinados valores cívicos através tanto do fortalecimento do raciocínio ao trabalhar com analogias, inferências, construir hipóteses etc; como pela experiência de um contexto escolar despido da arbitrariedade e manipulação dando lugar ao diálogo disciplinado e à investigação cooperativa...[18]

Chamou minha atenção esse fortalecimento do raciocínio e diálogo disciplinado, pois penso que a criança/aluno terá seu raciocínio fortalecido a medida que ofereçam-lhe um despertar da imaginação, coisa que não tenho visto nas escolas pelas quais já passei. Também a questão do diálogo disciplinado, para mim todo diálogo é uma mistura de ideias e uma dialética que salta para novas ideias através de uma indisciplina do pensar. O diálogo disciplinado não existe para mim. Além do mais Lipman refere-se a seis habilidades que a criança deve aprender, tais são: Habilidades do Raciocínio, Habilidades de investigação, Habilidades de Formação de Conceitos, Estados Mentais, Atos Mentais e Atos Metacognitivos. Esses são assuntos desconhecidos pelos professores e que levariam anos para

[18] Resenha do livro "A filosofia vai a escola" de Mattew Lipman. http://books.google.com.br/books/about/Filosofia_Vai_a_Escola_a.html?hl=pt-BR&id=7mFAFZ1NUQ8C – Acesso em 09.06.2012 às 10h20min.

aprenderem e colocarem em prática, por isso a necessidade de um programa que seja de fácil compreensão e aplicação em sala de aula.

O programa LINO surgiu com a criação da primeira coleção de livros didáticos de filosofia para crianças em 2009 e já conta 3 (três) anos, tem sido aplicado em diversas escolas do Brasil inteiro. Seu objetivo específico consiste ensinar filosofia às crianças através de histórias curtas que façam parte do cotidiano e formulando uma imaginação criativa cada vez mais.

4.1 A origem do nome LINO

O programa LINO tem como nome de origem o de um combatente da II Guerra Mundial, morto em campo de batalha na Itália lutando pelo bem do nosso país. Mas não é só isso. Manoel LINO de Paiva foi um menino como qualquer outro que gostava de correr, brincar, tomar banho de rio, ouvir histórias e inventar as suas também sempre tendo como personagens de um lado o vilão do outro o herói.

Manoel LINO de Paiva nasceu no dia 20 de março de 1921, no sítio Serra Nova, município de Martins, estado do Rio Grande do Norte.

Uma homenagem mais do que sincera a uma criança que tornou-se homem e foi condecorado um herói assim como são todas as crianças que desde a tenra idade aprendem que o saber é a base para se chegar a um determinado sonho.

Manoel LINO de Paiva tinha o sonho de ser um herói, venceu muitos vilões e conquistou seu sonho, como todo herói nunca estará morto apenas perdido em algum lugar.

4.2 O imaginário

O programa LINO tem a preocupação de povoar o imaginário da criança cada vez mais para um pensar criativo e lógico através das situações vividas no seu dia-a-dia.

Assim se constitui o programa LINO

LER – ESCREVER – PINTAR – DESENHAR SOBRE MIM E O MUNDO AO MEU REDOR

Com assuntos repetitivos para que melhor sejam assimilados e de forma lúdica para que possam ser aprendidos com amor e facilidade. A reaprendizagem é nossa maior meta, reaprender sempre, reler, reescrever, recriar.

O pensamento precisa escolher imagens segundo Sartre

> [...] Assim, poderíamos admitir um pensamento que escolhe imagens e modifica, em uma certa medida, a ordem de aparecimento delas[...][19]

Aqui vale salientar que Sartre não afirma que possamos escolher imagens e modificá-las quando quisermos, mas o que quero dize, ou seja, explicar é que para a criança é possível ter essas imagens, muitas imagens, diversas imagens em sua mente e escolher uma delas para criar.

Concordo com o pensamento de Taine segundo trabalho disponível na internet que diz mais ou menos o seguinte

> Tudo o que se passa no espírito, para Taine se reduz a imagem que são repetições espontâneas da sensação – em última análise, um "grupo de movimentos moleculares". Na sua psicologia analítica, o espírito é um grande abrigador de imagens.[20]

Sim, para mim, o espírito é um grande depósito de imagens do dia-a-dia da criança e essas imagens precisam ser processadas, trabalhadas e depois exteriorizadas.

A imaginação é o que de melhor temos no nosso espírito, pois com ela somos capazes de criar outros mundos através das imagens que ela nos proporciona atingindo a liberdade do espírito nas suas mais diversas sensações.

4.3 A escrita, o desenho, a pintura

Quando a criança escreve, desenha ou pinta coloca as imagens que estão na sua mente para fora, mostrando ao mundo seu pensar. Dando assim portas para que possamos avaliar como e o que sente seu espírito dentro desse Universo gigante e cheio de imagens que estão chegando prontas diariamente para elas.

Escrever e reescrever eis um ato para aprendizagem do bom pensar, do pensar lógico e do bom argumento. Pintar é colocar em prática o trabalho com as cores, o movimento das mãos ou dos pés e desenhar é criar a partir daquilo que se pensa, tudo fundamentado numa só coisa: a imaginação.

Imaginação essa que precisa ser conservada e alimentada pelo professor no decorrer da vida estudantil do aluno para oferecer-lhe novas

---

[19] SARTRE, Jean Paul. *A imaginação*. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 101

[20] Eterno retorno. Pensamentos, existencialismos, anarquismos, tráfico, absurdo, música etc. http://www.eternoretorno.com/2009/07/05/imaginacao-percepcao-e-pensamento/ - Acesso em 09.06.2012 às 11h02min.

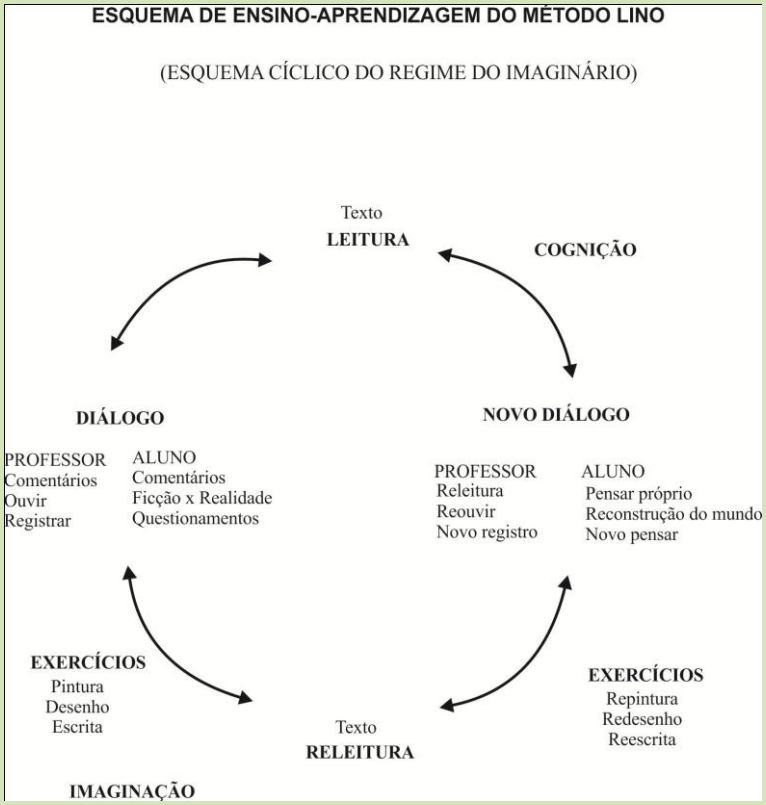
oportunidades de criações através da pesquisa e da dedicação ao saber acadêmico que tanto almejamos.

4.4 O pensar próprio

A criança precisa ter seu pensar próprio respeitado, de forma que o professor apenas conduza esse pensar para um caminho lógico. Não podemos depositar nos alunos conhecimentos nossos, mas ensinar-lhes a pensar por si próprios escutando o outro e vendo o mundo ao seu redor de forma admiradora e investigativa.

O brincar sempre fará parte da infância e não devemos impedir os alunos de brincarem em sala de aula, por isso o programa LINO trabalha com textos e atividades lúdicas capazes de incentivar a criança que foi retirada da sua casa e veio para escola sem ter o direito de escolha a gostar da aula de filosofia ou não, devido a sua tenra idade.

Não se ensina filosofia apresentando o pensamento do filósofo sem dizer para que serve aquele pensar na vida da criança. O aluno em formação não está preocupado em saber o que é hermenêutica mas para que ela servirá na vida dele, o que fará com ele, que melhorias provocará em sua vida; dessa forma, o professor que usar o programa LINO deve saber que a repetição de ensinamentos deve ser uma continuidade ao longo do curso como o esquema abaixo:



Conforme o esquema acima o conhecimento (cognição) só pode ser alcançado, segundo o programa LINO a partir da vivência do aluno do que foi estudado, ou seja, da repetição da aula a partir do seu pensar próprio. Para isso, o professor deve levar em consideração que a leitura do texto deve ser feita pausadamente e que os alunos estejam confortavelmente sentados e em silêncio para poderem assimilar a leitura com o seu dia-a-dia para fazerem uma releitura em busca de um pensar próprio, aí sim se dará o conhecimento.

5. Como ensinar filosofia às crianças através do programa LINO

Não há segredo para ensinar filosofia às crianças através do programa LINO, o que é necessário é um bom conhecimento em filosofia, preferencialmente uma licenciatura ou formação em educação infantil e muito amor a arte de contar e ouvir histórias.

No programa LINO cada professor traça a sua aula, o material didático serve apenas como apoio, mas pode ser alterado para melhor se adequar aos seus alunos.

O professor também não deve ter pressa para que os seus alunos aprendam uma determinada coisa, respeitar o pensar próprio do aluno e ouvi-lo sempre que for preciso.

Recomendo que nas salas de aulas dos primeiros anos o ambiente seja sempre arejado, com luz solar de preferência, brinquedos, livros espalhados pelo chão, flores naturais espalhadas pela sala com paredes brancas além de silêncio para o bom aproveitamento das ideias que forem surgindo ao longo das discussões. Todo e qualquer questionamento e expressão do aluno deve ser registrado para posterior estudo.

Se o professor seguir o esquema acima sua aula terá uma boa reciprocidade por parte dos alunos, desde que as repetições dos assuntos não sejam enfadonhos e acrescentem sempre algo novo propiciando da mesma forma um novo pensar.

O programa LINO foi criado para crianças tanto de escolas públicas quanto privadas e até mesmo para ser estudado em casa, contudo este estudo deve ser acompanhado por um professor especialista na área tendo em vista que alguns temas precisam ser explicados detalhadamente para que o aluno possa compreender melhor e não ficar com dúvidas. Caso o aluno não compreenda completamente o assunto num primeiro momento na hora da repetição ele deverá ser melhor apresentado para facilitar a sua compreensão.

A cognição faz-se presente a partir da reescrita do aluno criando a ruptura, vale salientar aqui que essa ruptura não é completa, com o pensar que lhe foi oferecido pelo adulto criando o seu pensar próprio. Seria uma

ruptura parcial ou total quando necessária. Isso vai depender da necessidade do aluno.

Aqui ficam alguns conselhos básicos para usar o programa LINO:

- Contar a história do material didático;
- dialogar com os alunos ouvindo a opinião de cada um;
- registrar tudo o que os alunos comentarem ou perguntarem;
- propiciar que o aluno crie perguntas;
- evitar respostas prontas por parte do professor deixando que as respostas sejam respondidas na releitura do texto pelos próprios alunos;
- avaliar sempre pensando no desenvolvimento do pensar próprio de cada criança pontuando sua participação em sala de aula, seu desempenho nas outras disciplinas através do comportamento diante do saber interdisciplinar; e
- nunca reprovar um aluno, mesmo que este não tenha se dedicado a disciplina. O aluno que não gostar da disciplina de filosofia deverá ter o direito de escolher outra atividade para fazer no horário da aula. Afinal, é impossível ensinar qualquer coisa para alguém que não está aberto a receber tal ensinamento. Dessa forma o aluno receberá uma nota conforme a média da turma.

O professor não deve se preocupar com os alunos que dirão que não é preciso estudar para passar em filosofia, pois a filosofia como o próprio nome já diz é o amor pela sabedoria e só quem tem esse amor alcançará o saber ninguém pode ser obrigado a amar algo, logo o aluno deve ficar a vontade para decidir o caminho que melhor achar possível para a sua aprendizagem.

Esta é uma das grandes dificuldades que o programa LINO tem sofrido no decorrer dos seus três anos de criação, porque a maior parte dos professores me escreve dizendo que são cobrados para fazer avaliações e apresentar notas aos coordenadores, pais ou responsáveis. O programa pede isso, mas cada escola se adequa conforme suas normas. Não posso exigir que a escola modifique suas normas para usar o programa LINO. Só aconselho que ele alcançará mais facilmente seu objetivo se for aplicado seguindo esses preceitos.

6. Como usar meu material didático

COLEÇÃO LELO AMARELO BELO

A coleção “Lelo amarelo belo” consta de 03 (três volumes) destinada para crianças de 01 a 02 anos (vol. I), 03 a 04 anos (vol. II) e 05 anos (vol. III) de idade.

Trata de questões as mais diversas e muitas vezes complexas, porém o professor deve contar a história sempre com uma voz alegre, gesticulando

e uma ou outra vez criando falas dos personagens, mesmo que esses não as apresentem.

São histórias curtas, fáceis de se trabalhar e as atividades constam de pintura, desenho e escrita. Alguém pode perguntar como uma criança de 03 (três) anos vai escrever uma história? Algumas crianças realmente nessa faixa etária não sabem ainda ler e escrever, mas na imaginação delas rabiscar alguns traços é escrever uma história e isso serve para exercitar o pensamento crítico e imaginativo. Então, o professor não deve dizer que o seu aluno não conseguirá fazer o exercício, mas incentivá-lo a escrever ajudando-o a rabiscar no papel enquanto conta a história solicitada na tarefa e depois pedir para que o aluno a conclua.

Deixe que a criança elabore seu próprio desenho sem fazer cópia de outro, que use a sua imaginação e que pinte com as cores da sua preferência. Nessa fase não se deve dizer que a tarefa não está bem feita, mas incentivar o aluno a praticar quantas vezes quiser a mesma tarefa.

Assim dividida por assunto:

VOLUME I – 01 A 02 ANOS DE IDADE

1. O menino paciente – paciência
2. Ricardo apressado – pressa, rapidez, movimento
3. O vendedor de picolés – compaixão, carinho, amor
4. Bento e o carneirinho – perda
5. Os laços de fita – beleza, estética
6. O jardineiro – cuidado, zelo, responsabilidade
7. O dia em que o peixinho morreu – perda, morte
8. O lápis encantado – encanto, magia, fabuloso
9. O cachorrinho engraçado – alegria
10. Os sentimentos do menino – sentimentos, emoções, sensações
11. Os olhos de Beatriz – felicidade, encanto, alegria
12. A lebre preguiçosa – preguiça
13. O menino do dedo azul – imaginação, fabuloso, encanto
14. Letra “A” – sentimentos, emoções, sensações, amor
15. A árvore gigante – união, força de vontade, amor, poder
16. A tartaruga chorona – jeito de ser, respeito, sensações, choro
17. A coragem do vovó – coragem, encanto, fabuloso, imaginação
18. Uma pessoa má – confiança, maldade, bondade
19. O menino mentiroso – mentira
20. Bento só fala a verdade – verdade

VOLUME II – 03 A 04 ANOS DE IDADE

1. O menino e as estrelas – astronomia, imaginação, fabuloso

2. Bento e a poça d'água – imaginação, encanto, fabuloso
3. O melão falante – jeito de ser, companheirismo, respeito
4. O pássaro perdido – solidão, medo, angústia, amor
5. O boneco de dado – companheirismo, família, encontro
6. A menina pintora – pintura, estética, cores, imaginação
7. Aninha, a bailarina – força de vontade, perseverança, sonho
8. A ausência do Tio Jorge – ausência, perda, saudade
9. Eu sou muito feliz – felicidade, bem-estar, saúde
10. Uma árvore andante – caminhos, estradas, passeios
11. Um acontecimento diferente – maravilhoso, novo, admiração
12. O retrato do vovô – família, memória, saudade
13. A liberdade das borboletas – livre-arbítrio
14. Bento realizou seu sonho – esperança, realização, conquista
15. Eu cuido de mim – cuidado de si (mente e corpo)
16. O meu amor próprio – cuidado de si, amor próprio
17. Não tenho raiva de você, Bento – sentimentos, perdão, amizade, reconciliação
18. Minha atividade física – saúde, bem-estar, educação física, cuidado de si
19. O carrinho de Bento – amizade, problemas, dificuldades
20. O pedido do vovô – sentimento, amor, família, carinho, cuidado, zelo

VOLUME III – 05 ANOS DE IDADE

1. O sapato perdido – medo, temor, solidão, encontro
2. A menina alegre – felicidade, autoestima, dificuldades
3. O pé de Pedro – apelido, respeito, amizade, companheirismo
4. O apelido de Suellen – apelido, respeito, amizade, companheirismo
5. Vontade de brincar – desejo, paciência, vontade
6. A sabedoria da mamãe – sabedoria, amor, família
7. Pensa direito, menino – pensar, sentir, ouvir, refletir
8. Não fale isto que é feio – falar, palavras, nomear
9. Não faça isto – certo, errado, feio, bonito
10. Eu gosto de pensar – pensar, cuidado de si, existir
11. O que eu devo fazer – observação, comportamento
12. Eu não empurrei Bento, porque quis – comportamento
13. A visita da mamãe – comportamento
14. Papai me repreendeu – comportamento, educação, ouvir, respeito
15. Uma novidade – novidade, surpresa, admiração
16. Não acho bom mentir – mentira, verdade, certo, errado

17. Meus pais estão disponíveis para mim à noite – família, comportamento, bem-estar, felicidade
18. Fala das minhas dificuldades para o vovô – dificuldades, conversa, compartilhamento, amor, família
19. Alimentação correta – cuidado de si, saúde, bem-estar, corpo, mente
20. O meu compromisso comigo – cuidado de si, bem-estar, zelo, amor próprio

COLEÇÃO PARA GOSTAR DE PENSAR

A coleção "Para gostar de pensar" vai do 1º (primeiro) ao 5º (quinto) anos do ensino fundamental I.

Aqui, o aluno terá novas atividades alguns textos terão os assuntos repetidos, e o professor pode aproveitar a contar as histórias conversando com os alunos e fazendo-os criar as suas.

Os textos também são curtos para a assimilação do assunto em questão ser mais prática e de fácil entendimento. O ensino-aprendizagem dar-se-á com o decorrer das atividades em sala de aula, sempre repetidos, por isso os cadernos trazem poucos textos. Isso permite que o professor tenha autonomia para criar e alterar a forma como dar a sua aula, não se detendo tão somente ao material didático nem ao que aqui está escrito, pois apenas aconselho com a minha prática que não será a mesma dos demais professores.

Assim dividida por assunto:

VOLUME I – 1º ANO

1. O menino curioso... – curiosidade
2. Era uma flor gigante... – admiração, espanto
3. O sol já ia dormir... – curiosidade, investigação
4. Um menino era oco... – sentimentos
5. O gato queria ser sábio... – saber, sabedoria
6. Era para esconder... – saber, sabedoria, lugar
7. O menino ficou doente... – saúde, bem-estar, doença
8. Era um leão medroso... – medo, temor, susto
9. Para descer é muito fácil... – coragem, determinação
10. Contaram um segredo... – confiança
11. Era preciso uma pausa... – paciência, espera
12. Será que sou muito feio... – autoestima

13. Eu precisava me deixar mudar... – jeito de ser, cuidado de si
14. Eu precisava esperar... – espera, paciência, confiança
15. O que penso é importante... – pensar, existir, transformar, criar
16. Vou sair de casa hoje... – procura, vontade, desejo
17. No meu caderno... – aprendizagem
18. Não tenho raiva... – sabedoria, amor próprio, amizade
19. No que posso acreditar... – conhecimento, confiança, existir
20. Gosto de dividir... – compartilhamento, amizade, amor

VOLUME II – 2º ANO

1. O pássaro ficou triste no ninho... – solidão
2. Atrás daquela porta tem uma coisa... – imaginação, coragem
3. Enquanto todos esperavam... – espera, paciência, sabedoria
4. O que procuro em mim?... – finito, infinito
5. Tem vidas na janela... – existir, ser, estar
6. Eu sou esquisito... – jeito de ser
7. Queria saber o motivo... – nome das coisas
8. Tem gente sem entender... – explicação, aprendizagem
9. Outra vez eu vou lá... – perseverança
10. Não sei se acredito... – surpresa, admiração, confiança
11. Vou limpar tudo... – cuidado de si, autoestima, limpeza
12. Hoje eu vi uma fogueira... – cuidado de si, autoestima, fogo
13. Muitas coisas não me servem... – cuidado de si, autoestima, limpeza
14. Vou criar um conforto... – cuidado de si, autoestima
15. Eu quero o equilíbrio... – cuidado de si, equilíbrio
16. Não me faça muitas perguntas... – aprendizagem
17. Tenho muitas necessidades... – necessidades, recomeço
18. Eu não posso ser algo... – conhecer, desconhecer
19. Para me entender melhor... – cuidado de si, conhecimento de si mesmo
20. Não posso oferecer a você... – dar, presentear, compartilhar, ter, ser

VOLUME III – 3º ANO

1. Passavam o dia, a hora, os tempos... – esperança
2. Eram tempos difíceis... – memórias, lembranças, família
3. E se eu corresse mais e mais... – pressa, rapidez, impaciência
4. Eram apenas dois irmãos... – felicidade, família, divisão
5. Eles não sabiam de nada... – ignorância

6. Quando aprendi a ler... – conservar, cuidar, zelar
7. Eu me arrependi... – arrependimento, raiva
8. Eu precisava fazer uma escolha... – escolhas
9. Papai foi à guerra... – coragem, cuidado, recomeço
10. Era um menino plantador de sementes... – ideias, conhecimento
11. Ninguém pode mudar meu jeito de ser... – mudanças, jeito de ser, zelo, amor próprio
12. Hoje fui visitar Joaquim... – oferecer, compartilhar, dar, amizade, divisão
13. Papai me dizia que a alegria... – alegria, vontade, desejo, coragem
14. É preciso saber sorrir... – cuidado de si, felicidade, ter, ser
15. Quem quer vencer um obstáculo... – obstáculos, força de vontade, dificuldade, perseverança
16. O menino ouviu a notícia... – atualidades, preocupação, reflexão
17. A árvore disse não... – determinação, coragem, autoestima
18. Papai casou novamente... – família, mudanças, aceitação
19. Benjamin vendeu o passarinho... – certo, errado, enganar, mentir
20. Não era preciso voltar se não quisesse... – querer, força de vontade, respeito

VOLUME IV – 4º ANO

1. Era um bombeiro amigo... – limites, bondade, compaixão
2. O barco partiu levando a flor... – segredo, partir, teimosia
3. A canção do bem-estar... – bem-estar, alegria, bondade
4. Na linha do horizonte... – devaneio, sonho
5. Saiu para passear... – desconhecido, misticismo
6. Se não tivessem contado... – mentira, lealdade, confiança
7. Se eles olhassem melhor... – carinho, amor, zelo, cuidado
8. Se o homem bebe demais... – desfazer, sofrer, esquecer, dor
9. Quando aprendemos a correr... – responsabilidade, irresponsabilidade, sabedoria, modéstia
10. Na sala de aula de uma criança... – lugar, escola, ensino, aprendizagem
11. Para tudo o que eu fazia... – entusiasmo, família, amor
12. Todo trabalho para ficar bom... – trabalho, esforço, sacrifício, força de vontade
13. Eu não sabia de nada... – desconhecido, aprender, coragem
14. Quando ele falava... – silêncio, ouvir, ser, querer, imitar

15. Eu queria mudar o mundo... – cuidado de si, zelo, mudanças
16. Havia uma pedra no caminho... – dificuldades, companheirismo, união
17. Eu nadei bastante... – conquistas, força de vontade
18. Eu precisava ser fiel... – fidelidade, confiança, responsabilidade
19. Não fiquei ansioso... – ansiedade, tranquilidade, confiança
20. O mal não pode vencer o bem... – maldade, bondade, coragem

VOLUME V – 5º ANO

1. Ser – ser, existir, pensar
2. O homem prudente – prudência
3. A mulher paciente – paciência
4. O velhinho filósofo – filosofia, sabedoria
5. A ignorância do padeiro – ignorância
6. A grosseria do pipoqueiro – má educação
7. A generosidade da lavadeira – generosidade, bondade, amizade
8. Aquilo que tenho - ter
9. As coisas perdidas do agricultor – perdas, força de vontade, coragem
10. Não me importo – nosso jeito de ser
11. A temperança da cozinheira – temperança
12. Sorriso pra vida – a importância do sorriso
13. Os sonhos e as flores – sonhos, compartilhamento, dar, receber
14. A humildade – humildade
15. O motorista virtuoso – virtudes: paciência, prudência, temperança, perseverança.
16. A minha casa – o melhor lugar do mundo
17. Desculpe-me – arrependimento, raiva, coragem
18. Nossos segredos – confiança, amizade, segredo
19. A ociosidade do policial – ociosidade, cuidado de si
20. O cuidado de si do fruteiro ao lado – ensino, aprendizagem, sabedoria, cuidado de si
21. Um príncipe medroso – medo, coragem
22. Será que as pedras não choram? – o choro, a dor, o sofrimento
23. Eu me dei de presente para você – defeitos, qualidades
24. Do meu gosto pelo brincar – o direito de brincar
25. Mudanças ocorrem – mudanças, jeito de ser
26. Entre o bem e o mal – maldade, bondade
27. Eu não sei – sabedoria

28. O meu julgamento errado – julgamento, erro, arrependimento
29. Do meu jeito de se vestir – jeito de ser, autoestima
30. O meu pensar crítico – pensar crítico

COLEÇÃO "AMIGOS DO SABER"

A coleção "Amigos do saber" vai do 6º (sexto) ao 9º (nono) anos. Talvez seja a que exige um pouco mais de conhecimento de filosofia do professor como também conhecimento da vivência dos seus alunos na comunidade onde moram, pois trata de assuntos contemporâneos e que muitas vezes preocupam ou distraem os jovens.

Esta coleção foi feita baseada nos problemas, dificuldades, diversões, alegrias e sofrimentos pelos quais passam as crianças e jovens da atualidade. Ela poderá sofrer atualizações ao longo dos anos, por isso o professor deve estar inserido no mundo dos seus alunos, demonstrando que sabe o que eles sentem e pensam.

Recordo-me de uma aula em que um aluno meu de 19 (dezenove) anos veio conversar comigo que estava apaixonado por uma aluna da sala, ele me pediu um conselho e eu precisei explicar para ele o que era o amor, a paixão, a juventude, o amor naquela idade. E se ele estava realmente apaixonado, no meu ponto de vista, que dissesse para a jovem e esperasse o que poderia acontecer. Não adiantava ele sofrer antecipadamente.

Assim sendo lidamos com os mais diversos problemas no ensino fundamental II seja nas escolas rurais ou urbanas cada uma tem o seu problema e as suas necessidades específicas. Dei aulas em escolas da zona rural e precisei conviver com as dificuldades dos meus alunos de não possuírem um tênis de marca ou um caderno bonito; enquanto nas grandes cidades me deparei com alunos que sofrem por não terem amigos e passar o dia todo trancados dentro de um apartamento assistindo televisão ou brincando com jogos eletrônicos; outros alunos reclamam o acúmulo de atividades que os pais lhes oferecem não permitindo que escolham o que querem fazer.

São problemas como esses que a coleção "Amigos do saber" procura abordar. Penso que o professor precisa ter um espírito jovem e com bastante energia para aproximar-se dos seus alunos e fazer parte do grupo deles como um amigo e companheiro com quem se pode contar nas horas difíceis.

Assim dividida por assunto:

VOLUME I – 6º ANO

1. O jacaré pequeno – jeito de ser, preocupação, coragem
2. O coelho invejoso – inveja
3. O tatu que tudo admirava – admiração
4. O gato entre o ser e o ter – ser, ter
5. O elefante feliz – felicidade, autoestima
6. A joaninha que confiava em todo mundo – confiança, amizade
7. O gato egoísta – egoísmo
8. As coisas absurdas de Teca – o absurdo
9. A intuição da formiga – intuição
10. A beleza do pôr do Sol – belo, estética
11. O mundo das ideias da tartaruga – ideias, conhecimento, sabedoria
12. O estatuto de igualdade do Seu Sapo – igualdade
13. A identidade pessoal de Dona Formiguinha – identidade pessoal
14. Quem vai ser o agente? – um agente, de agir
15. O rato alienado – alienação
16. As ambiguidades de Dona Onça – ambiguidade
17. A autonomia da Ovelha – autonomia
18. A atitude estética da Vaca – atitude estética
19. Os argumentos do Seu Sapo – argumentos
20. O argumento cosmológico do Seu Sapo – argumento, cosmologia
21. A liberdade do rouxinol – liberdade
22. O livre-arbítrio do sabiá – livre-arbítrio
23. A lógica do galo vermelho – lógico, ilógico
24. A emoção estética do Seu Formigão – emoção estética
25. O emotivismo da baleia – emotivismo
26. O enunciado do peixinho – enunciado
27. A essência da florzinha – essência (ser)
28. A questão ética do jardim de lírios – questão ética
29. A experiência do girassol – experiência, inexperiência
30. A bioética do doutor Grilo – bioética

VOLUME II – 7º ANO

1. A vida como ela é – em busca de um mundo melhor
2. As coisas que escondo de mim – o que temos vergonha em nós
3. O cheiro da flor – sabores e dissabores da vida
4. O que tenho oferecido ao mundo – o que estamos fazendo para melhorar o mundo
5. Saudade do que eu queria ser – por que não luto para ser o que desejo
6. Um conselho que mexeu comigo – os conselhos que nos intrigam
7. Reflexões de um menino em tarde de sábado II – reflexões sobre uma vida cheia de dificuldades
8. Poema do menino da linha do trem – baixa autoestima
9. Não precisamos trocar de cidade para mudar de vida – mudamos quando dizemos a nós mesmos que queremos isso
10. Dor de nãos – precisamos aprender a ouvir e dizer "não"
11. A bandinha passou e com ela segui caminho – a felicidade contagia
12. Carta para Papai Noel – desejo de ser amado, ouvir que é amado
13. Ele tinha um sonho – falta de esperança em si próprio, abandono, fuga, drogas
14. A gente não sabe onde dói... – as dores que sentimos
15. Não sei... – a difícil tarefa da escolha
16. Da alegria da minha subjetividade – subjetividade
17. Meu amigo postou algo novo no blog – informática, amizade, saudade
18. Leituras chatas – as leituras chatas que precisamos fazer para adquirir conhecimento
19. Historinha do menino-índio Acauã – lendas indígenas
20. Reflexões de um menino em noite sem lua – reflexões sobre a vida que se tem e aquela com a qual se sonha
21. Carta ao meu ex-amor – paixões da juventude, sofrimento, dor, ausência, perda
22. Pessoas de mentira – pessoas que fingem ser de um jeito e são de outro
23. Lá na frente há uma porta aberta – reação, coragem, força de vontade

24. E quando tudo fica escuro – o poder da imaginação nos leva para um mundo melhor
25. Como está você? – responsabilidade para com o outro, amizade, companheirismo
26. Ser útil é necessário – precisamos ajudar as pessoas, ser útil para o mundo
27. Esquecer e aprender – esquecer coisas desagradáveis, recomeçar, ser feliz
28. O que você pode fazer com suas mãos – o uso das duas mãos para realização de grandes gestos, como um aperto de mão, por exemplo
29. A prova amassada no cesto do lixo – lição de moral, caráter, educação, não fazemos com os outros o que fazem conosco
30. O mendigo de sorrisos – às vezes necessitamos de sorrisos e devemos ser humildes para pedi-los às pessoas amigas

VOLUME III – 8º ANO

1. Os jovens e a solidão – a solidão dos jovens
2. Ser ignorado dói seja por quem for – a dor de ser ignorado é muito forte
3. Como se escreve uma palavra – as palavras que adotamos
4. A poesia que mora em mim – a poesia que você mais gosta
5. Mamãe foi trabalhar – a mulher no mercado de trabalho
6. A presença do meu amigo – como é bom ter um amigo por perto nas horas em que precisamos
7. Da experiência – a experiência auxiliando na resolução dos problemas
8. Das pessoas poderosas – como será a vida das pessoas poderosas
9. Cultura da compaixão – compaixão
10. Para reconquistar a confiança – a reconquista da confiança
11. Meus bens virtuais – a importância dos meus bens virtuais
12. Há algo especial em mim? – pergunte isso para você e os seus amigos, mas saiba que sempre há algo de especial em cada um de nós

13. Explosão emocional – quando perdemos a paciência e explodimos emocionalmente
14. Eu tenho esperança – é preciso manter a esperança
15. Lágrimas de crocodilo – é uma expressão usada para quem chora de mentira e derrama lágrimas falsas
16. Sorria quando tiver vontade – é preciso sorrir quando temos vontade, mas saber o local e a hora exata
17. Seja otimista – o otimismo é necessário para alcançarmos os nossos objetivos
18. A primeira impressão é a que fica – cuidado quando você for conhecer alguém, pois a primeira impressão é a que fica
19. Os mentirosos da Internet – é preciso ter cuidado para não encontrar mentirosos na Internet que acabam nos prejudicando
20. Impressão negativa e ações egoístas – precisamos ter cautela com as nossas impressões e ações diante das pessoas para não machucarmos ninguém
21. Minha boadrasta – quando uma madrasta pode ser chamada de boadrasta
22. Levei um fora e agora? – todo jovem pode levar um fora de uma namoradinha, mas a dor passa logo. É só ficar perto das pessoas que amamos
23. Como controlar meus gastos – poupar, aprender a economizar dinheiro e só gastar com o necessário
24. Preciso parar de ferir a mim mesmo – não podemos viver nos ferindo, julgando-nos, machucando-nos.
25. Meu mau hábito – não podemos alimentar os maus hábitos eles podem acabar nos viciando a ficar fazendo coisas erradas.
26. Jogos eletrônicos – ter cuidado com os jogos eletrônicos e não esquecer de brincar com os amigos de verdade
27. Ninguém é gordo porque quer – a obesidade é uma doença. Ninguém é gordo porque quer, às vezes temos compulsão por comida, ansiedade ou outras coisas. Mas não devemos sorrir das pessoas gordas, assim como também não devemos sorrir das pessoas magras demais.
28. Quero roupas de marcas – vista-se como pode, como seus pais podem lhe oferecer e não como deseja. Aprenda que estar bem vestido não significa roupas de marca, mas limpo e cheiroso.

29. Estou um caco! – quando fazemos coisas que nos deixam cansados, dizemos que estamos um caco.
30. Meu desodorante venceu – se você tem problemas de suor embaixo das axilas procure ter cuidado com o odor que pode chegar a ser um mau cheiro. Use sempre um bom desodorante para ficar limpo e cheiroso.

VOLUME IV – 9º ANO

1. Não cobrem muito de mim – não podemos cobrar muito das pessoas, apenas o que elas podem nos oferecer
2. Meus avós e eu – aprender a conviver com pessoas de idades e gostos diferentes dos nossos
3. De ouvir músicas – ter cuidado com o volume dos nossos equipamentos de som para não incomodar as pessoas alheias
4. Do nojo – ninguém quer falar que tem nojo disso ou daquilo, mas todo mundo tem nojo de alguma coisa.
5. Da cegueira de alguns – os deficientes visuais e os cegos porque não querem enxergar a verdade
6. Do esquecimento do meu pai – a saudade quando os nossos pais se separam e custam a vir nos ver
7. E quando os filhos esquecem dos pais – um idoso abandonado depois de criar tantos filhos é uma enorme dor. Procure nunca esquecer dos seus pais.
8. Achei um cachorrinho abandonado – Um cachorrinho é sempre um bom companheiro, aliás todo animal doméstico. Por isso cuide bem dos animais ao levá-los para sua casa.
9. Os gritos dos jovens – quando um jovem grita em prol de uma boa causa é muito lindo! Mas quando grita por bagunça ou desordem não é bacana.
10. Papai bate em mamãe – alguns pais insistem em bater nas suas esposas na frente dos filhos. As leis estão aí para serem cumpridas e as mães devem denunciar esses pais, pois os filhos sofrem muito com isso.
11. Ajudo minha mãe – alguns filhos começam a trabalhar cedo para ajudar aos pais em casa. Às vezes é preciso iniciar o trabalho profissional cedo, mas não esquecer os estudos.

12. Meu celular tocou na hora errada – o uso correto do celular, a importância da troca de mensagens pelo celular.
13. O bullying e o desamor – o bullying deve ser combatido assim como o desamor, ensinar aos jovens a ter respeito pelos outros mesmo que não gostem de alguém.
14. Não gosto do meu corpo – aprender a gostar do corpo, zelar por ele, trabalhar para que ele fique parecido com aquilo que queremos ou mesmo aceitá-lo do jeito que é.
15. Minha primeira menstruação – a primeira menstruação ninguém esquece. É preciso estar preparada para quando esse dia chegar, tirar dúvidas com a mãe, a professora ou uma amiga íntima. Saber os detalhes, como agir, o que fazer, o que usar etc.
16. Da morte do meu melhor amigo – a perda de um grande amigo não tem preço nem palavra que alivie, só o tempo vai diminuir a dor. Mas é preciso enfrentar as perdas, porque elas ocorrerão uma vez ou outra na vida da gente.
17. Meu amigo gosta de meninos – você não tem nada a ver com o que o seu amigo faz ou deixa de fazer. Se ele é seu amigo então respeite os gostos dele.
18. Ela parece um menino – ela parece um menino e vice-versa, e o que você tem a ver com isso? Deve respeitá-los. Eles são seres humanos e o jeito deles não deve incomodar a ninguém. São pessoas que nos respeitam e nos amam, merecem o nosso respeito recíproco e amor também.
19. É fácil dizer não às drogas – Se oferecerem drogas para você diga não logo na primeira vez, não caia nessa de experimentar, é furada. Deixe ser chamado de cafona ou coisa parecida, mas nunca, nunca mesmo experimente. A droga é um caminho sem volta.
20. Saudades da minha casa – A melhor coisa do mundo é quando passamos muito tempo longe de casa e retornamos. A saudade das nossas coisinhas vai embora rapidinho. Tudo é parecido conosco.
21. As coisas boas e más – Existem as coisas boas que são as mais difíceis porque há deveres e muitos que devemos cumprir diante da sociedade e as coisas más que não exigem nada, logo

são tão fáceis de querermos aceitá-las. Mas devemos saber que as coisas boas são difíceis porque elas são grandes demais para ficarem soltas por aí sem normas. Só existe o mal porque existe o bem, mas vá sempre no caminho do bem, seja sempre o herói.

22. Disciplina – é preciso ter disciplina em tudo na vida. Sem disciplina não conseguimos os nossos sonhos.
23. A briga da minha turma com a turma da escola ao lado – Alunos de duas escolas devem ser amigos, compartilhar conhecimentos, não viver de brigas e desentendimentos que podem machucar quem não tem nada a ver.
24. Onde quero ir amanhã – poesia para o aluno refletir onde ele gostaria de ir amanhã utilizando a sua imaginação e reflexão sobre a sua vida e o mundo ao seu redor.
25. O recomeço – recomeçar é preciso coragem e determinação.
26. Do amor pela filosofia – Filosofia significa amigo do saber ou da sabedoria. Quem estuda filosofia é porque tem amor ao saber. Busque a sabedoria em todos os lugares e guarde-a dentro de você para de vez em quando compartilhar com as pessoas queridas.
27. De amar dói – O amor de um jovem dói muito, principalmente, se não é correspondido. Mas amar é tão maravilhoso! Não exija do outro, apenas ame!
28. Vendo o mundo com curiosidade? – Sim, olhar o mundo com curiosidade para aprender a filosofar.
29. Minha história – conte sua história para alguém que gosta. Conte apenas o que desejar, não precisa contar o que você não quer que ninguém saiba.
30. Colocando tijolinhos – coloque tijolinhos no castelo do seu conhecimento, da sua felicidade, da sua autoestima, do seu amor ao próximo. Vá criando castelos e povoando com as virtudes que aprendeu ao longo do seu curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS:

Eterno retorno. Pensamentos, existencialismos, anarquismos, tráfico, absurdo, música etc. http://www.eternoretorno.com/2009/07/05/imaginacao-percepcao-e-pensamento/ - Acesso em 09.06.2012 às 11h02min.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

KORCZAK, Janusg. *Como amar uma criança.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

LIMA, Souza Elvira. Cérebro humano e educação hoje. In: entrevista concedida a Rafaela Freitas e Rosângela Guerra, *Presença Pedagógica*, v. 16, nº 94, jul/ago 2010.

MONTAIGNE, Michel de. Dos livros. In: *Ensaios.* Porto Alegre: Globo, 1972

_____. Da educação das crianças. In: *Ensaios.* Porto Alegre: Globo, 1972

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Hemus, 1970

Resenha do livro "A filosofia vai a escola" de Mattew Lipman. http://books.google.com.br/books/about/Filosofia_Vai_a_Escola_a.html?hl=pt-BR&id=7mFAFZ1NUQ8C – Acesso em 09.06.2012 às 10h20min.

SARTRE, Jean Paul. *A imaginação*. Porto Alegre: L&PM, 2010